

O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY- O OBSCENO COMO INSTRUMENTO DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

Tatiana Morais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN
Departamento de Artes - DEART

RESUMO

O Obsceno em Hilda Hilst como instrumento de composição literária, ponto levantado pelo professor de teoria literária da Unicamp Alcir Pécora, aqui em destaque uma breve reflexão acerca da obra *O Caderno Rosa de Lori Lamby*. A autora desloca signos pornográficos num processo de trapaça textual, operando em um território de denúncia das relações “obscenas” entre a criação artística e as manipulações/demandas do mercado. A obra de arte como produto de venda e consumo, avaliada a partir dos aspectos de sua recepção pelo público médio e margens de lucratividade, “manuseada” e “contaminada” por aqueles que a encomendam ou tecem críticas de “padrão de qualidade.” Metalinguagem como perda de sentido e surgimento de forma, revelação de sistema, um esvaziamento histórico das coisas e manipulação ideológica, questões problematizadas pelo estudioso francês Roland Barthes, para quem a possibilidade de resistência residia no “roubo” ofertado pela literatura. Desse modo, objetivamos demonstrar o “obsceno” presente na obra *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, não apenas como instrumento de composição literária, mas também como estratégia de burlar e trapacear com a língua, percurso em diálogo com as questões apontadas anteriormente pelo crítico Roland Barthes.

Palavras-chave: Pós-estruturalismo, dramaturgia, mercado, obsceno.

O obsceno na obra *O Caderno Rosa de Lori Lamby* de Hilda Hilst é o fio de Ariadne escolhido para percorrer algumas questões no que diz respeito à análise crítica e artística em nossos tempos, a partir das mudanças ensejadas por autores de importância como Barthes, Foucault e Derrida, dentre outros, na idéia de que os textos não constituem uma “ilha” de saber isolada, mas que se constroem em ligação e contaminados por um inúmero leque de possibilidades de referências, ideologias, saberes, olhares e mãos.

O ponto de partida dessa breve reflexão, o obsceno como composição literária em Hilda Hilst, foi pesquisado pelo Professor de Teoria Literária da Unicamp Alcir Pécora, que inclusive escreveu o prefácio da obra em questão, análise que apontou para elementos relativos à própria condição criativa do artista e da sua relação de recepção para com os leitores e os editores.

A obscenidade, sob a perspectiva das relações entre o artista e o mercado, presente e expressa em Lori Lamby não pode ser apenas compreendida como um exercício erótico do escritor ou do autor, mas sim considerada, nesse caso, como uma “obscenidade” da relação do artista com o editor, o representante da grande massa de consumidores, ou de uma classe interessada, que determina o que e como querem que a obra de arte seja elaborada. Fixando a temática, quais os critérios, a linguagem, o sentido e a forma do que se constrói, atribuindo uma valoração financeira a produção artística.

Hilda Hilst utiliza o obsceno como instrumento literário compositor de sua obra *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, para dar forma as questões e falas que atravessam o seu próprio processo criativo, suas relações com a comunidade literária e a recepção de seus escritos pelo público e editoras brasileiras.

Desse modo, a autora elabora de maneira apurada uma metalinguagem, através da qual podemos revelar novas mensagens enviadas. Nesse sentido, é uma metalinguagem, pois a pornografia é expressa por uma linguagem que representa, na realidade, outro conjunto de signos e representações. Os signos pornográficos transmutam-se para novos significados e compreensões.

Roland Barthes em *Mitologias* (2007) contribui com a crítica e os estudos de linguagem ao incorporar a análise do signo uma característica sociológica, permitindo diferentes leituras no que concerne as produções escritas, sejam elas literárias ou jornalísticas. O autor realizou uma análise de notícias jornalísticas cotidianas, políticas e de entretenimento, direcionadas pela mídia francesa na década de 50 à classe dita de massa, afirmando que esse veículo se utilizava da ideologia para perpetuar os valores da burguesia. Desse modo, o estudioso revelou um sistema semiológico no qual a mídia oferecia a falsa perspectiva ao público de que os mitos, no caso a própria cultura pequeno-burguesa, eram naturais, e não frutos da própria história da época.

Roland Barthes identificou dois sistemas presentes no mito, o primeiro que ele denominou de “linguagem-objeto”, o sistema lingüístico de Saussure, no qual o signo é composto por significante e significado e tem o caráter de arbitrário. Sendo o segundo sistema uma “metalinguagem”, segunda língua na qual se fala da primeira, em que “significante” passa a ser “forma”, pois a história se perde, e o signo é chamado de “significação”, que é o próprio mito, não tendo mais a característica de arbitrário, mas sendo em parte motivado e aberto a analogias, ele é fala, um sistema de comunicação.

A partir do exposto até o momento, é possível compreender a afirmação de Roland Barthes (2007) de que o mito é uma linguagem roubada, apresentando-se na contemporaneidade como:

“[...] linguagem que não quer morrer: ele arranca aos sentidos, de que se alimenta, uma sobrevivência insidiosa, degradada, provocando neles um adiamento de morte, artificial, no qual se instala à vontade, fazendo deles cadáveres falantes.”(2007:225)

Portanto, como exposto, o mito, analisado por Barthes, é metalinguagem, pois é uma segunda língua da qual se fala da primeira, o sistema lingüístico proposto por Saussure, denominado pelo autor de linguagem-objeto.

A partir das idéias desse pós-estruturalista, quais os pontos de encontro entre essa construção teórica, a de uma metalinguagem como perda de memória, e *O Caderno Rosa de Lori Lamby* de Hilda Hilst?

Na metalinguagem, sistema semiológico a que pertencem às mitologias de Barthes, ocorre a perda da qualidade histórica das coisas, a perda da lembrança de sua produção, implicando na significação da coisa por ela própria, motivo pelo qual seria o instrumento amplamente utilizado pela burguesia, com sua manipulação e contaminação.

Em Hilda Hilst a metalinguagem é o instrumento utilizado para denúncia das relações obscenas entre a criação artística e as manipulações/demandas do mercado. Com o deslocamento de signos pornográficos a autora “trapaceia” com a língua, para utilizar uma expressão do universo de Barthes. Burlando e trapaceando com o sistema, entendido como mercado de venda e consumo, em outras palavras, resistindo e revolucionando na e pela literatura.

Barthes em Aula Inaugural no Colégio de França em 1977, afirma que a língua é o objeto onde se inscreve o poder, por isso sua própria estrutura implica uma relação fatal de alienação, assim que é proferida entra a serviço de um poder. E o que nos resta?

“[...] resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.” (1977:16)

E continua:

“Nela viso portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido de significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto.” (1977:17)

Hilda Hilst, no sentido barthesiano, joga divinamente com as palavras em *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, operando o combate ao mercado/poder na própria língua, num movimento de voltar-se sobre ela mesma e revolucioná-la.

O Caderno Rosa de Lori Lamby: Uma narrativa que mantém as linhas da escrita erótica e pornográfica, utilizando o campo do crime, a pedofilia, abuso sexual, perversão, taras e fantasias. A iniciada é Lori, uma menina de oito anos de idade que descobre o universo sexual a partir da boca, sentido e percepção diretamente relacionada à experimentação infantil e seu modo de conhecer e se relacionar com o mundo. Ponto verificado no próprio nome da personagem Lori Lamby, o verbo *lamber* na terceira pessoa do singular.

A crítica literária Eliane Robert Moraes, em seu artigo “Da Medida Estilhaçada”, expõe que a narração de Lori Lamby se organiza pela fala, expressão da oralidade que impera no mundo infantil:

“Assim também se expressa sua curiosidade pueril pela língua, tratada simultaneamente como zona erógena e simbólica: Lori pergunta ao “tio” o que significa “predestinada”, e após ouvir a explicação conclui que “a coisa de predestinada é mais ou menos assim: uns nascem para ser lambidos e outros para lamberem e pagarem.” Trata-se, para ela, de conhecer o funcionamento da língua no seu duplo registro: falar,

narrar, fabular, assim como lambar, chupar e sugar exigem um aprendizado sutil e interminável, que se desdobra em várias modalidades, numa notável expansão do campo da oralidade.” (1999:125)

Na citação acima podemos perceber as duas funcionalidades da língua, a de uma abstração e organização intelectual do mundo, e a de uma concretude e organização sensorial do mundo. Entretanto, a língua é em ambos os casos processo de conhecimento e afirmação/inscrição do sujeito no corpo social.

Na ficção, as duas funcionalidades da língua são representadas como o mecanismo utilizado por Lori Lamby numa atividade promissora e lucrativa, e por outro lado, a língua, ato de escrever utilizado por seu pai, o escritor, como mecanismo fracassado e sem lucratividade, ninguém lê seus escritos. Semelhança na queixa de Hilda Hilst de que poucos, quase ninguém, leu sua obra.

Percebendo o fracasso, língua de seu pai, a menina decide ajudá-lo a satisfazer o editor, para realizar tal intuito começa a escrever *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, e *O Caderno Negro*, parte integrante do primeiro. O objetivo é o dinheiro, o lucro. Como verificamos no seguinte trecho:

“Ele perguntou me lambendo se eu gostava do dinheiro que ele ia me dar. Eu disse que gostava muito porque sem dinheiro a gente fica triste porque não pode comprar coisas lindas que a gente vê na televisão. Ele pediu pra eu ficar dizendo que gostava de dinheiro enquanto ele me lambia. Eu fiquei dizendo: eu gosto do dinheiro. Depois ele pediu para eu dizer também: me lambe sem parar, papai. [...] Aquelas bolsinhas, blusinhas, aqueles tênis e a boneca da Xoxa.” (2005: 17-18)

Temos aqui um grande mito produzido pela mídia, Xuxa – A rainha dos baixinhos, com todos os seus valores e produtos de entretenimento e consumo, como por exemplo, boneca, *notebook*, linhas de maquiagem e cabelo, marcas de roupa, dentre outros. Tomando a perspectiva de Barthes em *Mitologias* (2007) podemos dizer que a construção mítica ao redor da imagem de Xuxa é expressa exatamente através dos referidos produtos de venda, o próprio objetivo, nesse caso, do sistema capitalista de consumo.

Enquanto que nas palavras de Lori o pai “é um escritor, coitado.” O editor sugere que ele escreva “bandalheiras” para que possa lucrar com a venda de seus escritos, venda as “baixeiras” que tanto agradam os consumidores, ou seja, utilize a língua numa funcionalidade rentável.

O obsceno é em Lori Lamby a própria condição criativa, um mecanismo de linguagem que revela a cruel relação entre o escritor e o editor, o autor e o mercado, sistema que também revela a própria condição da escritora Hilda Hilst e a tiragem de seus livros. O obsceno que está em jogo é a arte como mercadoria.

O Obsceno que fica evidente no desabafo do pai de Lori Lamby:

“Gênio é a minha pica, gênios são aqueles merdas que o filho da puta do Lalau gosta, e vende, VENDE!, aqueles que falam da noite estrelada do meu caralho, e dos barulhos das ondas da tua boceta, e do cu das lolitas. (...) que ele papi vai morar em Londres LONDRES! e aprender vinte anos o inglês e só escrever em inglês porque a fedida da puta da

língua que ele escreve não pode ser lida porque são todos ANARFA, Cora, ANARFA, Corinha(...).” (2005:85)

Indignação de dedicar-se a uma escrita que passará não apenas pelo crivo do mercado, editores, publicações e valores, mas também pelo crivo de poucos e seletos leitores, já que grande parte da população é analfabeta.

Nossa reflexão final está localizada na primeira página de *O Caderno Rosa de Lori Lamby*: a dedicatória. Hilda Hilst dedica o livro “À memória da língua”. A autora anuncia, desse modo, o que guiará a leitura: é um exercício da própria linguagem, como já colocado em momentos anteriores do presente texto.

E por que em especial a memória? Razão que também poderá ser entendida sob a perspectiva da metalinguagem, momento no qual a língua volta-se sobre ela mesma e utiliza-se de uma linguagem-objeto.

Alfredo Bosi em *O Ser e O Tempo da Poesia* reflete acerca da memória e da metalinguagem: “Se a metalinguagem apaga, por um átimo, o conteúdo vivido do signo, o processo total do poema apaga a mão que apagou; e deixa emergirem, filtradas mas potenciadas na sua essência, a figura do mundo e a música dos sentimentos.” (1990:162)

Através do exercício metalingüístico Hilda Hilst “apaga” momentaneamente o conteúdo de sua mensagem, se a entendermos sob o aspecto de signos pornográficos. Entretanto, tais signos são deslocados e desdobrados em Lori Lamby numa claro processo de trapaça textual, operando em um território de denúncia das relações “obscenas” entre a criação artística e as manipulações/demandas do mercado. Como já colocado, a obra de arte vista como produto de venda e consumo, avaliada a partir dos aspectos de sua recepção pelo público médio e margens de lucratividade, “manuseada” e “contaminada” por aqueles que a encomendam ou tecem críticas de “padrão de qualidade”.

Por fim, é a memória da língua, entendida aqui como a revelação ou o desmonte semiológico da mensagem enviada, a bandeira de resistência que Hilda Hilst empenha para burlar o objeto de poder a que todos estamos presos e submetidos, como colocado por Barthes, a língua. Ou seja, a literatura em suas possibilidades de revolução.

Bibliografia

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. BUONGERMINO, Rita, SOUZA, Pedro de, JANOWITZER, Rejane. Rio de Janeiro, DIFEL, 2007.

_____. *Aula*. Trad. PERRONE-MOYSÉS, Leyla. São Paulo, Cultrix, 2005.

BOSI, Alfredo. *O Ser e O Tempo da Poesia*. São Paulo, Cultrix, 1990

HILST, Hilda. *O Caderno Rosa de Lori Lamby*. São Paulo, Globo, 2005.

MORAES, Eliane Robert. "Da Medida Estilhaçada." In: Cadernos de Literatura Brasileira: Hilda Hilst. Editora Moreira Salles, n°8, 1999.